



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da segunda etapa da duplicação da Rodovia
Fernão Dias (BR-381), trecho Nepomuceno-Divisa MG/SP**

Pouso Alegre-MG, 06 de outubro de 2005

Meu caro Alfredo Pereira do Nascimento, ministro dos Transportes,
Meu caro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento e Combate à
Fome,

Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu caro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência
da República,

Meu caro Clésio Andrade, vice-governador do estado de Minas Gerais,
Meu caro representante do Banco Interamericano de Desenvolvimento,
Deputados federais Ademir Camilo, Ana Guerra, Geraldo Thadeu, Isaías
Silvestre, Odair Cunha, Reginaldo Lopes, Vadinho Baião,

Senhor Jair Siqueira, prefeito de Pouso Alegre,

Senhor Alexandre Silveira, diretor-geral do DNIT,

Senhores prefeitos e prefeitas aqui da região,

Meus amigos, minhas amigas empresários que construíram esta
estrada,

Trabalhadores que trabalharam nesta estrada,

Meus companheiros e companheiras da cidade de Pouso Alegre e
região,

Entregar à população e ao Brasil a Rodovia Fernão Dias completamente



duplicada e modernizada é uma oportunidade que enche de orgulho o governo e o povo brasileiro. Digo isto porque a conclusão desta obra é um importante exemplo de como estamos removendo os gargalos que durante anos constrangeram nossa infra-estrutura de transportes. E também porque estou cumprindo um compromisso que firmei com vocês, aqui mesmo em Pouso Alegre, quando anunciei que concluiríamos as obras de duplicação e de modernização desta rodovia.

A Fernão Dias não liga apenas Belo Horizonte a São Paulo. Ela liga Minas Gerais ao Mercosul. É uma rodovia de tão grande importância que já devia ter sido duplicada, quem sabe, há mais de uma década. Ela nunca poderia ter sido transformada em uma fonte geradora de transtornos, prejuízos e de acidentes de trânsito que vitimaram tanta gente.

O fato é que as rodovias brasileiras não vinham tendo a atenção merecida. Muitas promessas de melhoria foram feitas, mas poucas foram cumpridas.

Esta estrada, agora duplicada, é um exemplo significativo do que historicamente vinha acontecendo no Brasil. Quando chegamos ao governo, suas obras estavam paralisadas mas, em vez de anunciar logo em janeiro de 2003 a sua conclusão, preferi primeiro ter a certeza de que conseguiríamos tocar as obras e só vim aqui fazer o anúncio em agosto do mesmo ano.

Foram oito meses vencendo dificuldades, planejando e trabalhando duro para que tivéssemos os recursos necessários para dar conta do projeto, mas a satisfação de poder cumprir a promessa compensou a espera.

Logo mais – eu já visitei, na verdade, antes de vir aqui – logo mais vou visitar outra obra aqui perto que está sendo executada pelo governo federal com o mesmo grau de compromisso e responsabilidade. O Prefeito já falou da 459, e eu espero que em março a gente possa vir aqui inaugurá-la. Tenham a certeza de que ela também será concluída, cumprindo os cronogramas para trazer ainda mais desenvolvimento para esta região.



Minhas amigas e meus amigos,

A entrega da Fernão Dias duplicada, modernizada e com maior capacidade de tráfego é um dos mais importantes marcos da renovação e da recuperação de nossa malha rodoviária. Mas não é o único.

Há pouco mais de duas semanas, por exemplo, o governo federal entregou a duplicação de uma outra rodovia vital para a nossa economia, a Régis Bittencourt, que liga São Paulo a Curitiba, e cujas obras se prolongavam desde 1995. Apenas um trecho daquela rodovia ainda conta com pista simples, pois será duplicado pela futura concessionária da estrada.

Em breve concluiremos também a duplicação da BR-101, ligando Florianópolis a Osório, no Rio Grande do Sul. E ainda a BR-060, ligando Brasília a Anápolis, em Goiás, entre várias outras rodovias.

Todas estas obras, todas estas inaugurações – e isso vai ficando cada vez mais claro com o passar do tempo – seguem uma precisa lógica de boa administração pública e de planejamento racional.

Fazemos isso sem soluções improvisadas, como abrir estradas paralelas ou iniciar açodadamente novos projetos. Pelo contrário: concluímos rodovias que há cinco, dez ou mais anos vinham sendo duplicadas ou reformadas, mas cujas obras nunca terminavam, pois os recursos para os serviços eram liberados a conta-gotas.

Nossas rodovias, assim como o novo Brasil que estamos construindo, deixaram de ser um canteiro de obras paradas.

Nossas exportações vêm crescendo a cada semestre, nossa indústria está produzindo mais, há mais turistas visitando nosso território. E tudo isso requer que tenhamos mais estradas em boas condições, mais portos e aeroportos e mais ferrovias.

Ou seja, todas as pessoas, das mais ricas às mais humildes, são beneficiadas com a melhoria da infra-estrutura do país.

É claro que há muito por fazer, e temos que persistir priorizando a



recuperação de nossas estradas, liberando recursos, realizando obras. Vamos assim continuar ampliando nossa capacidade de transporte para garantir cada vez mais fôlego ao desenvolvimento do Brasil.

Meus companheiros e minhas companheiras de Pouso Alegre,

Não é todo dia que eu posso vir, aqui, e não é todo dia que nós podemos nos encontrar. E eu quero dizer algumas outras coisas para vocês. Há momentos na história de uma Nação em que a Nação pode aproveitar ou pode jogar fora. Hoje, num ato, junto com o governador Aécio Neves, segunda-feira, num ato com os empresários da construção civil de São Paulo, eu tenho estabelecido não uma espécie de desafio, mas uma espécie de levantamento da realidade que nós estamos vivendo.

Quem é trabalhador na cidade de Pouso Alegre sabe perfeitamente bem que nós passamos de 1994 a 2002 tendo um dos maiores índices de desemprego da história deste país. Durante oito anos de governo foram criados em média, por mês, apenas oito mil empregos com Carteira Profissional assinada. Aliás, eu estou vendo o companheiro Getúlio, aqui, que foi dirigente sindical dos vidreiros, em São Paulo, que sabe do que estou falando aqui.

Pois bem, em 33 meses de governo, nós já criamos mais de 3 milhões e meio de empregos, perfazendo uma média mensal de 105 mil empregos com Carteira assinada, simplesmente doze vezes mais do que o governo anterior.

Não é apenas isto. Os empresários que estão aqui, nesta praça, certamente os estudantes que estudam um pouco de economia sabem perfeitamente bem que em 2003, quando eu tomei posse, o Brasil tinha um superávit comercial, ou seja, um lucro entre aquilo que a gente compra e aquilo que a gente vende, de apenas 13 bilhões, porque 11 bilhões tinham deixado de ser importados. Na verdade era um superávit de apenas 12 bilhões e as exportações não ultrapassavam 60. Ontem, vocês viram no jornal: batemos um recorde histórico no Brasil. Ontem atingimos 112 bilhões de dólares de exportações em 12 meses e temos o superávit comercial de 41 bilhões de



reais. Mais importante é que nós vivemos um momento extraordinário, porque a economia cresce, porque o crédito cresce, porque a poupança interna cresce, porque o emprego cresce. E o que cai, na verdade? O que cai é a inflação e o custo de vida neste país.

Esses dias eu dizia – aqui deve ter trabalhador, meu caro Queiroz Galvão – que no Brasil, quando eu tomei posse, o saco do cimento estava a R\$ 22,50, talvez aqui, em Pouso Alegre, deva estar a R\$ 14,00, porque em São Bernardo está a R\$ 10,90 e em muitas cidades do Brasil está a R\$ 11,00.

Aqui, os trabalhadores e as donas de casa que vão fazer compras sabem que em 2003, quando eu tomei posse, o saquinho de arroz do famoso “Tio João”, um saquinho de arroz custava R\$ 11,00, o saco de 5 quilos, e hoje estamos comprando por R\$ 4,90 ou R\$ 5,00.

Todo mundo que trabalha e vai ao açougue sabe que, hoje, a carne está muito mais barata do que a gente comprava. Aliás, esses dias eu vi na televisão um trabalhador dizer: “Pela primeira vez eu vou poder comer um quilo de filé na minha vida”.

É este Brasil que nós vamos construir, para que o povo brasileiro possa conquistar a sua cidadania, para que o povo brasileiro possa, um dia, levantar e dormir com orgulho da Nação que ele, trabalhador brasileiro, ajudou a construir.

Esta Rodovia aqui, ela vinha como determinadas Igrejas de alguns lugares do mundo: leva séculos para terminar. Nós resolvemos terminar, não apenas por causa da grandeza de Minas Gerais, resolvemos terminá-la porque Minas Gerais é um estado importante para o Brasil e esta rodovia interessa a todo o Brasil e à América do Sul, e não apenas à Pouso Alegre ou ao estado de Minas Gerais. Da mesma forma que a 459.

Portanto, meus companheiros e minhas companheiras, empresários, ministros, deputados, representante do BIRD aqui presente, estejam certos de uma coisa: nós vamos ter um encontro, no mês de outubro, para discutir



política social. E eu queria dizer alguma coisa para o representante do BIRD que está aqui, do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Quando nós tomamos posse, a safra 2002/2003 – se tiver pequeno agricultor aqui vai saber – aliás, há o Zezão, de Illicínea, aqui. Zezão... Aliás, está o Zezão, que era um companheiro produtor de café de Illicínea, ele sabe perfeitamente bem que na safra 2002/2003 o dinheiro que foi liberado para a agricultura familiar foi de apenas 2 bilhões e 400 milhões. E ele sabe que na safra que terminou este ano nós liberamos 6 bilhões e 400 milhões para a agricultura familiar brasileira.

Mais ainda, está aqui o companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social. Só aqui, no estado de Minas Gerais, o Ministério do companheiro Patrus gasta, por ano, ou melhor, não gasta, investe – porque o dinheiro que a gente dá para pobre é um investimento, não é gasto. Pois bem, somente o Ministério do companheiro Patrus, ele investe, em Minas Gerais, 1 bilhão e 200 milhões de reais por ano, para combater a pobreza da região mais pobre do estado de Minas Gerais.

Além do quê, Alfenas acaba de ganhar uma extensão universitária para poder fazer com que Alfenas tenha universidade. Mas não é apenas Alfenas: o Vale do Mucuri vai ganhar, o Vale do Jequitinhonha vai ganhar e outras regiões deste país, porque até 2006 nós vamos inaugurar 4 universidades federais novas, 32 extensões das universidades federais e vamos inaugurar 32 escolas técnicas. E aí, quem sabe a gente possa, um dia, perceber que este país não será apenas exportador de soja, não será apenas exportador de minério de ferro. Este país será um grande exportador de inteligência, de conhecimento e aí nós seremos, definitivamente, um país desenvolvido.

Muito obrigado, boa sorte e até outro dia, se Deus quiser.